

história e cultura

O ORIENTE E A VIAGEM ANTIGA E MEDIEVAL

*Pedro Catalão **

As viagens da Época das Descobertas fundam-se num saber da viagem e num saber do mundo de construção antiga e medieval, uma elaboração lenta mas densa, fruto de séculos de viagem e contactos. A euforia pela história dos Descobrimentos tende a esquecer este fundo de saber. Durante a Antiguidade e a Idade Média construíram-se as imagens do Ocidente e do Oriente que empurraram o homem a tentar descobrir mais e a chegar aos limites da geografia. A imagem dos pólos do mundo chega aos finais da Idade Média carregada de sentidos complexos, que o mundo moderno se dispôs a tentar descodificar. Interessa ver como essas imagens chegam ao século XV, evitando o hábito redutor de tratar este material em termos de uma divisão entre o «real» e o «imaginário».

A viagem é uma constante da história humana, quer se trate da viagem ao sítio real, imaginário ou mítico. Estas suas dimensões interpenetram-se por vezes tão intensamente, de modo a criar uma saudável e produtiva confusão entre a tradição lendária e a prática real da viagem. Quantas viagens se não empreenderam com destino a um local imaginário que o desejo transformara em verdade profunda. Quantas ilhas atlânticas foram julgadas as Afortunadas ou as Hespérides. Quantas terras foram as do Preste João.

O célebre atlas catalão de Abraão Cresques, de 1375, apresenta, a ocidente, as Ilhas Canárias correctamente representadas e, a oriente, as terras imaginárias de Gog e Magog. Este contraste entre a representação, num mesmo mapa-mundo, de uma dada realidade geográfica irrefutável e de uma terra lendária, naquele que é, segundo Armando Cortesão, «*o mais notável e admirável monumento cartográfico da Idade Média antes da cartografia portuguesa ter atingido o seu esplendor*»¹ é bem

* Assistente do Instituto de Estudos Portugueses da Universidade de Macau.

¹ Cortesão, Armando, *História da Cartografia Portuguesa*, J. I. U., Lisboa, Coimbra, 1969-70, vol. II, p. 45.

ilustrativo da coexistência perfeitamente pacífica que existe entre estas duas dimensões da geografia medieval. Este é apenas um exemplo entre muitos possíveis.

Quando os navegadores portugueses (e os outros) empreendem as primeiras viagens da Época das Descobertas, já a viagem havia sido descoberta (e muito bem inventada) há muitos séculos. Mesmo as mais reais. Foram os fenícios e os gregos os povos que, num mundo que já nos é familiar, primeiro ajudaram a cimentar a tradição da viagem, e os primeiros a tomar um contacto mais profundo com a navegação atlântica. Foram estes dois povos os primeiros a ultrapassar mais sistematicamente as colunas de Hércules, e a percorrer as costas do Atlântico. Os fenícios foram talvez os maiores navegadores da Antiguidade, e para lá da navegação mediterrânica, que dominavam com à-vontade, os seus contactos com o oceano datam, possivelmente, de tempos tão remotos como o século XII a.C.. Não lhes eram estranhas as costas noroeste e oeste de África².

Heródoto refere mesmo uma possível circum-navegação de África (a partir do Mar Vermelho e com chegada pelas colunas de Hércules) que teria sido levada a cabo cerca do ano de 600 a.C., por barcos e tripulações fenícias sob, no entanto, motivação e patrocínio de um rei egípcio de nome Neco. Não estando confirmado, este grandioso empreendimento náutico não foi até hoje repudiado pelos historiadores da Geografia, embora seja encarado com compreensível reserva. Se a informação de Heródoto (ele próprio um grande viajante) não é suficiente para atestar o acontecimento, lança pelo menos a hipótese, o que, dada a envergadura do empreendimento e o nome do autor, é de notar³. Por outro lado a existência da hipótese ajuda a desdramatizar a viagem pelo Atlântico.

Outros viajantes navegaram a costa ocidental africana durante a Antiguidade — como o cartaginês Hanão (século VI a.C.) ou o persa Sataspes (contemporâneo de Xerxes, séculos VI-V a.C.) — assim como as costas do Atlântico europeu, como foi o caso do cartaginês Himilco, que chegou com toda a certeza às Ilhas Britânicas no século V a.C.⁴ ou de Pítias de Marselha, que no século IV a.C. navegou pelo Atlântico até às Ilhas Britânicas e à Escandinávia⁵.

Em relação ao Oriente o desconhecimento não é total, quer se trate do oriente mais próximo quer se trate dos extremos orientais do mundo. Nos escritos de Hecateu de Mileto (século V a.C.) revela-se já o

² Cf. Babcock, William, *Legendary Islands of the Atlantic*, American Geographical Society, New York, 1922, pp.3-4. Cf. também Cortesão, *op. cit.*, vol.I, pp.245-246.

³ Cf. Wood, H. J., *Exploration and Discovery*, Arrow, London, 1958, pp. 18-19, 26. Cf. também Babcock, *op. cit.*, pp. 43-44, e Cortesão, *op. cit.*, pp. 246-247.

⁴ Cf. Cortesão, *op. cit.*, p. 246.

⁵ Cf. Wood, *op. cit.*, p. 21. Cf. também Babcock, *op. cit.*, p. 4.

conhecimento de zonas da Ásia Central e da existência da Índia ou de, pelo menos, parte dela⁶. O historiador grego Ctésias, que viveu pouco depois de Heródoto (ainda no século V a.C.) e que habitou durante dezassete anos na corte persa, dá conta de vários contos e figuras orientais que figurarão mais tarde na *Historia Naturalis* de Plínio, ou no *Physiologus* (século II) e refere também a Índia⁷. As campanhas de Alexandre, no século IV a.C., levam-no a zonas do oeste da Índia (hoje Paquistão).

A viagem a um oriente mais longínquo é, para o Ocidente, uma viagem que se começa a praticar só na Idade Média. A seda, supremo luxo, e que no século VI ainda só podia ser adquirida no Extremo Oriente, é o produto que está por trás das primeiras viagens sistemáticas à China, viagens que os missionários aproveitam para fazer trabalho de evangelização. Foi a tentativa de criar novos canais comerciais para este produto que abriu as portas à viagem a um Oriente mais extremo. De qualquer modo, entre o século VI e o século XIII é através dos árabes (que no século VIII comerciavam regularmente com a China tanto por mar como por terra) que chegam ao Ocidente quase todas as informações sobre o Oriente mais longínquo. Ou, pelo menos, de um modo mais completo e sistemático uma vez que já desde os tempos do Império Romano existem referências aos chineses, precisamente a propósito da seda e também da sua habilidade comercial. Relembrando ainda o papel árabe, não esqueçamos que no século X o mundo árabe se estendia de Portugal ao Indo, funcionando como canal privilegiado de contacto entre o Ocidente e o Oriente.

Por outro lado, a localização da Terra Santa colocou em contacto permanente o Ocidente e o Próximo Oriente constituindo outro exemplo de um importante hábito de viagem da nossa medievalidade. A peregrinação aos lugares santos criou um importante fluxo de viajantes ao longo de vários séculos, que não parou sequer em 637, ano em que aqueles caem sob a dominação árabe. A tolerância muçulmana não interrompeu as peregrinações que, pelo menos até aos fins do século XI, se continuaram a fazer sem grandes restrições, e de que resultaram vários «Itinera Hierosolymitana». Com as primeiras dificuldades começa um novo tipo de deslocação, o das Cruzadas, que se estendem (sem contar com as muito tardias) até fins do século XIII. Seja em pacífica peregrinação ou com intenções militares, a ida à Terra Santa constitui uma das viagens mais importantes do universo medieval europeu, que se praticou sistematicamente durante bastantes séculos.

O Extremo Ocidente foi percorrido pelos povos costeiros europeus desde a Alta Idade Média. A tradição irlandesa de navegação no Atlântico tem na *Navegação de São Brandão* a sua mais divulgada

⁶ Cf. Wright, J. K., *The Geographical Lore of the Time of the Crusades*, American Geographical Society, New York, 1945, p. 37.

⁷ *Idem*, pp. 37-38.

realização, mas muitos outros relatos, mais ou menos fantasiosos, ajudam a firmar a fama das viagens dos irlandeses pelos mares do Atlântico. É uma tradição muito ligada ao monaquismo (mas que neste de modo algum se esgota) e ao desejo de constituir comunidades de religiosos em locais ermos, como a Islândia, onde, ao que parece, se estabeleceram monges irlandeses por fins do século VIII. O mito da ilha paradisíaca, ou mágica, no Atlântico, deve muito ao conjunto desta literatura marítima irlandesa que, desde possivelmente o século VIII (mas especialmente nos séculos X e XI) não cessou de para isso contribuir. Durante muitos séculos, as «Ilhas de São Brandão» figuraram, persistentemente, na cartografia atlântica, identificadas com a Madeira, os Açores, as Canárias, ou até mesmo com parte das Americas.

Ao tratar do mundo atlântico não podemos esquecer os Viquingues, cujas viagens por mar os tornaram nos maiores navegadores europeus anteriores à Época dos Descobrimentos. De, pelo menos, os fins do século VIII (em 797 chegam à Inglaterra) ao século XI (a chegada à América seria por volta do ano 1000) são duzentos anos de profundo conhecimento atlântico. Do mediterrânico às costas do norte da Rússia, da Noruega à América, passando pelas Féroe, pela Islândia e pela Gronelândia. Fidedignas ou não, as Sagas (muito posteriores aos acontecimentos a que fazem referência) relatam a viagem pelo mar e ocupam um lugar importante na história da imagem do Atlântico.

Outras estórias circulam sobre o Atlântico. Do século X data a obra *Prados de Ouro e Pedras Preciosas*, de Al-Masudi, um dos grandes viajantes árabes que visitou o Extremo Oriente, em que se relata a história de Khoshkash, um jovem árabe que, tendo navegado pelo Atlântico, regressa com o navio cheio de riquezas⁸. Do século XII data a famosa viagem pelo Atlântico dos Magrurinos de Lisboa, referida no *Kitab al Rodjar* (Livro de Rogério) de El-Edrisi⁹, um dos maiores geógrafos árabes da Idade Média.

Além do natural interesse que o Atlântico suscitou em muitos povos, outros destinos continuaram a ser demandados e, no século XIII, são já muitos os relatos de viagens realizadas por praticamente todo o Oriente. Ainda no século XII datam as viagens e textos do judeu Rabi Benjamim de Tudela, que viajou até ao Médio Oriente e que, muito rigorosamente, separa nos seus relatos aquilo que viu daquilo de que ouviu falar. Nestes relatos, dos mais importantes da Idade Média, incluem-se descrições de coisas e lugares das Arábias, do Egipto, de Bagdade, da China, da Índia, do Ceilão¹⁰.

Datam do século XIII as viagens de monges cristãos à Mongólia, com o objectivo de averiguar junto do Gengiscão da possibilidade da

⁸ Cf. Cortesão, *op. cit.*, p. 251.

⁹ Idem, pp. 37-38.

¹⁰ Idem, p. 279. Cf. também Wright, *op. cit.*, pp. 117,272,274,282,289,291, 299, 300.

conversão dos mongóis e da possibilidade de alianças contra os muçulmanos. São as viagens dos franciscanos Giovanni de Piano di Carpini — que vem relatada na sua *Historia Mongolorum* e em outros relatos como a *Historia Tartarorum*¹¹ — e do flamengo Gulielmus de Rubruquis as mais conhecidas. A tradição missionária franciscana regista inúmeras viagens pelas índias e pela China¹¹.

Do século XIII chega-nos talvez o livro de viagens mais conhecido de todos os tempos, *O Livro de Marco Polo*, que relata as viagens dos Polo pela Ásia, e os relatos das viagens atlânticas dos Vivaldi, pelas costas de África. É deste século que datam também duas das mais conhecidas mistificações a que este tipo de literatura é particularmente atreito. Refiro-me ao *Libro del Conoscimiento de todos los reynos e tierras e señorios que son por el mundo*, de um franciscano espanhol¹², e às Viagens de John Mandeville¹³. São obras que transmitem um conjunto importante de informações geográficas e que tiveram extrema divulgação na época. Este último livro teve, pelo menos até ao século XVI, uma fortuna editorial muito superior à de *O Livro de Marco Polo*. As duas obras trecentistas atrás referidas são das obras que, durante a Idade Média, mais contribuíram para a difusão de conhecimentos sobre paragens longínquas, um tipo de conhecimento que suscita nesta altura uma imensa curiosidade, sendo talvez o primeiro momento da história do Ocidente em que a curiosidade por este tipo de informação se estende a um público tão vasto e em que o Ocidente começa mais sistematicamente a integrar o resto do mundo no seu universo próprio.

Se o Ocidente é um lugar importante para a geografia da Europa medieval, é em parte por ser um extremo do mundo, um dos seus limites. O Oriente tem um tipo de interesse e importância semelhante. É essencialmente no eixo Este-Oeste que, na Antiguidade e na Idade Média, se viaja e se pensa o mundo habitável. O Norte era demasiado frio e o Sul demasiado tórrido. As extremidades do eixo Este-Oeste apresentam-se assim como lugares propícios para a localização de reinos mais ou menos imaginários, propícios para a imaginação aí depositar os seus mais extremados delírios. A peculiaridade do espaço do extremo a tal favorece. A interposição de uma distância de tal qualidade desobriga o homem do real, libertando-lhe a imaginação. Assim acontece com o Oriente.

Existem vários Orientes. Um mais próximo, tanto geográfica como emocionalmente, que é o da Terra Santa. Emocionalmente através do Cristianismo que, incentivando a peregrinação e a cruzada, criou um hábito forte de viagem à Terra Santa que se prolongou durante séculos, e que constitui o primeiro grande contacto regular com a diferença

¹¹ Cf. Cortesão, *op. cit.*, pp. 279-283.

¹² *Idem*, pp. 302-305.

¹³ *Idem*, pp. 305-308.

oriental. Um contacto que se faz por via terrestre, como por via terrestre se fazem as ligações com o Extremo Oriente. E um segundo Oriente, o das viagens à China e às índias, das viagens dos Polo e dos religiosos das Ordens Menores do século XIII. A viagem ao Oriente constrói-se assim arquetipalmente como uma viagem por terra enquanto que a viagem ao Ocidente tem fundamentalmente uma dimensão marítima, acentuando a ligação de cada um destes espaços a um tipo de viagem e imagem¹⁴.

Mas para lá destes Orientes geograficamente bem definidos existe um outro mais misterioso, indistinto, infinitamente mais mítico, o Oriente do Paraíso Terrestre, ou das terras de Gog e Magog, dos mistérios das índias, ou das ilhas de Taprobana ou Argane.

A ideia da localização do Paraíso Terrestre nos confins do Oriente (numa índia) é uma ideia muito difundida na Idade Média, e que a cartografia regista com frequência através de figuras que assim o representam. E o caso do mapa do Beato de S. Sever, de 1050, mas também de mapas posteriores, dos séculos XII e XIII tendo este hábito prevalecido inclusive até aos fins do século XV. Não é de estranhar a situação do Paraíso na índia, porquanto esta «índia» corresponde ao ponto mais oriental do mundo conhecido.

Há um conjunto vasto de autores que referem esta crença. No século X, o erudito Mosis partilhava da opinião de que o Éden se situava bem no Oriente. Também S. Tomás de Aquino o refere como o local do Paraíso Terrestre. No *De Imagine Mundi* e nas *Etimologias*¹⁵ de Santo Isidoro, também se refere a localização do Éden no Oriente acentuando a sua inacessibilidade. Não só este Oriente se encontra nos confins da terra como está protegido por uma muralha altíssima (que por vezes vem reproduzida nos mapas) e em toda a volta por um deserto infestado de bestas selvagens.

O Oriente é o ponto de onde se recebe a inspiração para a oração. Gilbert Durand cita Santo Agostinho a propósito dessa orientação: (...) «*Egípcios, Persas e Cristãos viram-se para o Oriente para rezar*», porque, diz Santo Agostinho, «*o espírito move-se e vira-se para o que é mais excelente*». É no Oriente que se situa o Paraíso Terrestre e é lá que o salmista coloca a Ascensão de Cristo, e S. Mateus o regresso de Cristo»¹⁶. O regresso de Cristo cuja luz iluminará todo o mundo partindo do Oriente. É o eixo Este-Oeste que mais uma vez é a imagem de todo o mundo (seguindo o trajecto solar) e o Oriente o paradigma da origem: «*(...) Porque o modo que um relâmpago sai do Oriente, e se mostra até ao Ocidente, assim há-de ser também a vinda do Filho do homem (...)*» (Mateus XXIV, 27).

¹⁴ Cf. Reckert, Stephen, *A Viagem «entre o real e o imaginário»*, Arcádia, Lisboa, 1983, p. 18.

¹⁵ Para estas duas referências Cf. Wright, op. cit., pp. 261 -263,462 (notas 28, 29 a 31a, ao cap. XII).

¹⁶ Durand, Gilbert, *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*, Presença, Lisboa, 1989, p. 105.

A orientação a Oriente para a oração é uma prática constantemente referida nos textos. Erec «(...) *deitou-se estendido em cruz contra o Oriente e fez as orações f...j*»¹⁷ ou Santa Tarsis «(...) *olha contra ho ouryente / e pide assy: — Senhor Deos que mefezeste amerçea-te de my (...)*»¹⁸. Escuso-me a mais exemplos.

O Oriente, onde nasce o sol, é, para o mundo cristão, o ponto de onde vem a luz. É o começo e a origem, o local do nascimento da luz que ilumina o mundo, da luz que vence as trevas e o diabo, por oposição ao Ocidente, ligado ao mar e à dissolução, à morte. A marcha em direcção ao Oriente que o crente descreve dentro da igreja (correctamente orientada) constitui uma marcha em direcção à iluminação¹⁹. É o Oriente como lugar da origem, que o percurso solar sugere, um dos elementos mais fortes e actuantes da sua imagem.

Por outro lado temos o Oriente das delícias e das maravilhas. O Cristianismo, religião do Próximo Oriente, só poderia criar um paraíso de sabor oriental. Um jardim delicioso, com um regato que se divide em quatro rios, uma árvore da vida, árvores de fruto e pedras preciosas (o culto das pedras é um culto importante no Oriente). O jardim paradisíaco está também ligado ao começo, ao espaço natural primordial habitado pelo eleito ou pelo primeiro habitante, por oposição à cidade ou ao castelo, construções da ordem do humano. O jardim, que é para o ocidental um espaço evocativo do Oriente, é um local de extrema importância na literatura árabe e persa, como o testemunham os contos de *As Mil e Uma Noites* ou o *Corão*, e também na literatura do Extremo Oriente, como a chinesa ou a japonesa.

Não só por estas razões a ideia do Oriente aliciou o homem. A ideia do reino exótico e rico associado ao Oriente é persistente no Ocidente e tem expressão importante, por exemplo, nas especulações à volta das ilhas de Taprobana ou Crisa e Argane.

Já a Alexandre, o Grande, haviam chegado os rumores da existência de uma enorme ilha de grande riqueza, a ilha de Taprobana²⁰. Esta ilha, que hoje associamos imediatamente ao Sri Lanka, existiu durante séculos sob a imagem de uma ilha paradisíaca, de qualidades hiperbólicas, situada num oriente pouco definido. Na Antiguidade discutiu-se acaloradamente as suas proporções. A imagem que à Idade Média chega de Taprobana é a de uma ilha de extrema fertilidade, de exageradíssima dimensão, com várias cidades de grande riqueza, com rios e montanhas, abundante em metais preciosos, tópicos obrigatórios da idealização do

¹⁷ *A Demanda do Santo Graal*, INCM, Lisboa, s/dada, p. 231.

¹⁸ *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense*, INIC, Lisboa, 1985, p. 17.

¹⁹ Cf. Hani, Jean, *O Simbolismo do Templo Cristão*, Ed. 70, Lisboa, s/data, Caps. III, V, XII, XIII.

²⁰ Cf. Bunbury, E. H., *A History of Ancient Geography*, New York, vol. II, p. 421.

lugar paradisíaco. É uma imagem a cuja construção Santo Isidoro não é alheio, tendo-se-lhe referido nas *Etimologias*²¹ obra em que grande parte da informação geográfica aí exibida é extraída de Solino e do seu *Collectanea rerum memorabilium*, cuja fonte é, em parte, a *Historia Naturalis* de Plínio, que constitui o texto sobre o qual se construíram muitas das concepções geográficas da Idade Média²².

É uma ilha que aparece referida em muitos tipos de textos, se bem que coloque por vezes problemas de identificação. É o caso dos *Mabinogion*²³ — onde aparece sob o nome de Deffrobani — ou dos contos de *As Mil e Uma Noites* sob o nome de Serendib, uma das ilhas a que Sindbad aporta e onde, no cimo da montanha mais alta do mundo, havia vivido Adão (como hoje a lenda continua a contar). Segundo a descrição de Solino, a ilha estava dividida em duas partes, existindo num dos lados apenas bestas selvagens. Do outro habitavam os homens²⁴.

A cartografia não é avara na representação desta ilha. O mapa-mundo de Dicearco, do século III a.C., mostra-nos a ilha. Uma mapa de Eratóstenes, de cerca de 200 a.C. exhibe-a com especial proeminência²⁵. A dimensão da ilha, que provocou bastantes especulações desde a Antiguidade, aparece ainda extremamente exagerada num mapa de 1506, o mapa-mundo de Contarini²⁶ se bem que, registe-se, o mesmo já não aconteça nos mapas-mundo de Waldseemüller e de Ruysch, respectivamente de 1507 e 1508²⁷.

A par desta ilha, existem também várias referências a duas outras ilhas de características maravilhosas, as ilhas de Crisa e Argane, que a cartografia também regista. Estas ilhas situam-se algures no Oriente e, se bem que à sua imagem se associe uma aura de maravilhoso, é também (agora) fácil associá-las às ilhas dos grupos de Andaman e Nicobar. São ilhas abundantes em metais preciosos, com montanhas de ouro e ricas também em prata. Nestas ilhas as flores, belíssimas, permanecem sempre abertas, no máximo do seu esplendor²⁸.

Não poderíamos falar do Oriente sem referir o fascínio que este, nos tempos anteriores ao das Descobertas, provocou no Ocidente sob a forma da «índia». É a um Oriente que se identifica com as «índias» que mais se cola a ideia do Oriente faustoso, intenso de cores e odores, de exótico contraste com a geografia brumosa e depurada do Ocidente.

O termo «índias» corresponde a várias localizações, nem sempre sequer na Ásia, como no caso da Índia Média ou «Índia Tertia», uma

²¹ Cf. Wright, *op. cit.*, pp. 280, 469 (nota 135 ao cap. XII).

²² *Idem*, pp. 11, 20, 44, 241, 365-366 (nota 4 ao cap. I).

²³ *Les Mabinogion* (trad. J. Lot), Slatkine, Genève, 1975, vol. II, p. 295. Cf. também pp. 313, 314, vol. I, p. 335.

²⁴ Cf. Wright, *op. cit.*, pp. 280, 469 (nota 136 ao cap. XII).

²⁵ Cf. Cortesão, *op. cit.*, vol. I, p. 86.

²⁶ *Idem*, p. 117.

²⁷ *Idem*, vol. II, pp. 121, 123.

²⁸ Cf. Wright, *op. cit.*, p. 280.

Índia africana²⁹. São, no entanto, as «índias» entendidas como vagamente localizadas no Oriente que nos interessam. Estas Índias são, desde a Antiguidade, uma terra de maravilhas. As narrativas fantásticas sobre as «Maravilhas da Índia» chegam à Idade Média através do *De Imagine Mundi*, ou a partir de obras de autores clássicos como Ctésias, Plínio ou Solino³⁰. A narração das «Maravilhas da Índia», um grupo vasto de textos, incluem a descrição de figuras fantásticas como pigmeus, gigantes, homens com garras e cabeça de cão, homens só com um olho ou com um olho no estômago, homens que vivem só do cheiro da comida, pessoas que só têm um grande pé debaixo do qual se abrigam do sol (os famosos «skiapodes» que aparecem em várias miniaturas e até na escultura europeia) etc., etc.. É uma vasta lista de figuras fantásticas que ajudam a construir a imagem de uma terra plena de maravilhas orientais.

As histórias da Índia são muito anteriores às do Extremo Oriente, nomeadamente da China, que só começa a existir para o Ocidente numa data mais tardia. Muitos dos mapas-mundo medievais, assim como os Antigos, mostram a Índia como a terra mais oriental do mundo conhecido, onde é colocado o Paraíso Terrestre. No mapa-mundo (reconstruído) de Anaximandro ou Hecateu, do século V a.C., o rio Indo desagua no «Oceanus», o mar circundante, a oriente³¹. A Índia, que segundo a lenda teria sido visitada por S. Tomé, é, assim, durante muito tempo, o Oriente por excelência³².

A crença na existência de reinos cristãos a Oriente refere-se-lhes como situando-se nas «índias», a par de outros locais de um Oriente mais próximo. Não podemos esquecer as lendas sobre a terra do Preste João que também, se bem que obviamente mais tarde, se enquadram neste tipo de crença. A «hipótese Índiana» da localização deste figura de Rei do Mundo é das que mais fortuna gozou. Uma versão da lenda informa-nos que os quatro rios do paraíso nascem numas montanhas da Índia e, como acontece com descrições dos rios do reino do Preste João, abundam em ouro e outros metais preciosos, que aparecem a intervalos regulares, três vezes por ano³³. Obviamente que a especulação sobre a situação do reino deste rei lendário não se esgota na hipótese da Índia, mas esta é uma das que apresenta maior vitalidade.

O Oriente e as «índias» ocupam também lugar de destaque nas histórias de matéria do Graal, *corpus* importantíssimo da literatura e do mundo cultural medieval. Não só por a lenda ter o seu início no Oriente mas por, na fase que se segue ao seu percurso pelo Ocidente, este voltar

²⁹ Cf. Brihuega, Bernardo de, *Vidas e Paixões dos Apóstolos*, INIC, Lisboa, 1982, 1989, vol. II, p. 212, onde se faz referência às várias Índias: «E sabede que as Índias som tres: (...)».

³⁰ Cf. Wright, *op. cit.*, pp. 274-278.

³¹ Cf. Cortesão, *op. cit.*, vol. I, p. 78.

³² Cf. Wright, *op. cit.*, pp. 275, 278.

³³ *Idem*, pp. 265, 464 (nota 59 ao cap. XII).

ao Oriente e às «índias», seu último refúgio após a desilusão espiritual ocidental. O Graal volta assim à sua origem oriental, ao Oriente de que partiu ou a um Oriente vago, definido pelo longínquo e pelo impalpável. A qualidade espiritual do Oriente afirma-se também através do trajecto deste importante símbolo.

Do lado contrário do eixo temos o Ocidente e o Atlântico. A tradição grega das ilhas afortunadas e das Hespérides, os textos e as navegações irlandesas e escandinavas, entre muitas outras contribuições, fazem do pólo atlântico uma geografia de ressonância mítica. Deste grande complexo sobressai a importância das ilhas, reais, paradisíacas, utópicas, infernais, que povoam o «mare tenebrosum». Tão grande é a imensidão do oceano como a recusa do homem em o imaginar vazio. Encheu-o assim de terras mais ou menos maravilhosas, quase sempre ilhas.

A imagem diária da morte do sol no fim do mar não pode ter deixado de marcar os povos costeiros. É esta dualidade que marca a complexa imagem do Ocidente atlântico. Por um lado a associação à morte e por outro a esperança de aí encontrar um reino paradisíaco ou a terra onde fundar um reino novo.

O medo do Atlântico foi persistente. Durante muitos séculos considerado como intransponível, temido desde a Antiguidade, foi o último dos oceanos a ser percorrido em larga escala. São muitas as lendas ligadas a esse perigo, de que resultaram os nomes e a fama de «Mare Tenebrosum» e «Mar das Trevas», entre outros. Assim, antes de ter sido navegado, este oceano foi imaginado.

A tendência para situar regiões imaginárias, paradisíacas ou infernais, para lá do horizonte, nos limites do mundo, tem eco importante também no Ocidente. É o que acontece com as lendas ligadas às Afortunadas, lendas da Antiguidade que os novos contactos com a Madeira, as Canárias, etc., vieram insuflar de nova vida. É o caso das ilhas da escatologia irlandesa ou da Atlântida, lenda que percorre a imaginação sobre o Atlântico desde Platão até praticamente aos nossos dias e de outras lendas como a da ilha cristã das Sete Cidades, a do mouro Khoshkash, a da fugidia Ilha Perdida, a lenda da viagem dos Magrurinos de Lisboa.

A cartografia regista até bastante tarde um conjunto de ilhas imaginárias que fazem persistir estas hipóteses durante séculos. As lendas ligadas às ilhas de S. Brandão mostram ainda alguma pujança no século XVIII. Mas muitas outras existem: a da ilha de Maida (a mais persistentemente cartografada); a de Vlaenderen, por vezes apontada como sendo Maida³⁴; a da ilha de Brasil (a não confundir com o Brasil) e que é a que aparece localizada em lugares mais díspares; a de Daculi, etc.. Importantes são também as lendas que se encontram mais propriamente ligadas às ilhas britânicas: a ideia da «ilha branca», com a sua

³⁴ CF. Babcock, *op.cit.*, pp. 81-93.

forte carga mítica³⁵, associada à Inglaterra, as lendas associadas a Tule, a Anglesey, a Wight, às Órcades, às Hébridas, e também às Féroes, à Islândia ou mesmo à Gronelândia.

Mais ou menos reais, as ilhas do Atlântico foram necessárias ao homem para preencher o imenso vazio que se lhe apresentava a ocidente. Ptolomeu, cuja *Geografia* foi uma das obras que mais influenciou o pensamento geográfico medieval (e até mais tarde) referiu (como o fez El-Edrisi) o número dessas ilhas como sendo de 27 000. A hipótese deste número não podia deixar de impressionar o mundo medieval.

A imagem do Ocidente contrói-se assim na bivalência da sua dimensão de morte e dissolução e da sua dimensão de local paradisíaco e/ou de renovação. O sol, a luz e o calor morrem no Ocidente, e no mar, que implica a dissolução total. O Ocidente é morte e escuridão, corresponde ao fim do trajecto, ao fim da vida e de certo tipo de viagem.

O Oriente, por sua vez funciona simbolicamente, a este nível, como o seu contrário. Simboliza o reino de Cristo e o lugar da origem e da luz, que o homem medieval e moderno não se cansou de demandar.

³⁵ Cf. Wright, *op. cit.*, pp. 75-76. Cf. também *Encyclopaedia of Islam*, London, Leiden, 1965, vol. II, p. 934 e Cirlot, J. E., *A Dictionary of Symbols*, London, 1976, p. 341.

